

Quad II Classic Integrated Um clássico muito moderno!



Falar em Quad é trazer à memória de muitos audiófilos um conjunto de recordações que nos fazem voltar atrás umas boas dezenas de anos. De facto, nomes como a Quad, Thorens, SME, JBL e, antes deles, AR, Garrard, Dynaco e outros, são alguns dos que em Portugal deram origem ao verdadeiro gosto pela música de alta qualidade, com os primeiros sistemas de áudio a sério do nosso burgo a serem quase seguramente constituídos, lá para os idos dos anos 60, por uma combinação destas marcas e algumas outras que não vale a pena discriminar aqui.

Algumas delas desapareceram, outras perderam a *patine* desses tempos de glória, mas a Quad, depois de vicissitudes várias, conseguiu manter uma boa parte do prestígio que foi construindo ao longo de mais de 70 anos de existência no mercado. Peter Walker foi desde sempre a *alma mater* da companhia e a sua substituição por Ross Walker, seu filho, acabou por não ser bem sucedida, principalmente porque

Ross tinha muito pouco a ver com o áudio e a electrónica e ainda, talvez em maior grau, porque os seus principais interesses residiam noutras áreas.

Seguiu-se a venda a um investidor do Oriente, mais em concreto de Hong-Kong, o que fez temer pela continuidade da tradição da marca, até porque uma das primeiras acções se traduziu no despedimento de

muitos dos trabalhadores dos velhos tempos, dos poucos que ainda sabiam alguma coisa da fabricação dos equipamentos prestigiados da empresa, tais como as tão conceituadas colunas electrostáticas.

No entanto, após algum tempo de tão necessitada reestruturação, os novos proprietários da empresa, com a designação International Audio Group, retomaram uma

boa parte do rumo antigo e rapidamente tivemos no mercado um conjunto de produtos que tinham como principal ponto de partida aquilo que foi quase desde o início uma das imagens de marca da empresa, as famosas Quad electrostáticas, agora em novas versões, e de que alguns diziam quase desdenhosamente que estavam apenas a tentar agradar aos gostos mais «modernos», mas que acabaram por se mostrar bastante consensuais, quer entre os audiófilos da velha guarda quer entre os mais recentes adeptos deste *hobby*.

Este foi o ponto de partida para o aparecimento de outras gamas de produtos e equipamentos, com um especial enfoque em duas direcções: renovar as colunas electrostáticas e relançar os equipamentos a válvulas, não só em termos de reavivar alguns dos equipamentos clássicos como, sob o tema que poderíamos apelidar de «reconstrução» da gama desses equipamentos, em termos de acrescentar alguns modelos que, embora pudessem hipoteticamente estar na mente de Peter Walker, nunca foram concretizados como propostas concretas.

Dentro desta descrição podemos incluir aquilo que já é um número interessante de equipamentos a válvulas englobados sob a designação de Classic Line. Dentre todos esses podemos mencionar o relançamento do par amplificador e prévio Quad II e Quad 22, o Quad II-Forty e o QC-24P, entre outros. O Classic Integrated não se «integra» em nenhum dos produtos que Peter Walker alguma vez lançou, porque, como o nome indica, é um amplificador integrado e Peter apenas incluiu na gama da Quad conjuntos separados com prévio e amplificador.

Peter Walker faleceu há alguns anos e por isso não poderia ter qualquer participação no projecto e desenvolvimento deste amplificador integrado, mas a Quad recorreu a um dos maiores peritos mundiais nesta área, Tim de Paravicini, o mentor dos equipamentos a válvulas vendidos sob a designação EAR e que tem funcionado como consultor para diversos fabricantes de equipamentos de áudio.

Descrição técnica

O desenvolvimento do primeiro amplificador a válvulas da Quad teria certamente que obedecer a um conjunto de requisitos que, por um lado, não colocassem os pergaminhos da marca em causa e, por



outro, o fizessem aparecer perante os novos consumidores com um produto bastante atraente. Um pouco daquilo que a BMW conseguiu fazer com o Mini e que todos hoje em dia concordam em que foi realmente revolucionário, mas que tem a ver com combinar tradição e modernidade em percentagens correctas. E nunca nos podemos esquecer que neste caso temos aquilo a que um anglo-saxão poderia chamar uma *tall-order*: o equipamento tem que ter um *design* com uma mistura equilibrada de modernidade e de tradição, a electrónica tem que ter um desempenho impecável e ser de uma fiabilidade a toda a prova mas, tão ou mais importante que tudo isto, o desempenho sónico tem que ser altamente convincente. E isso implica não desiludir os indefectíveis adeptos da marca, que nalguns casos a seguem há dezenas de anos e, em simultâneo, conquistar sem reservas os novos amantes da música que, provavelmente, nunca ouviram falar da Quad mas se sentem tentados a levar para casa o amplificador integrado que pode fazê-los felizes por muito tempo.

De certo modo, é quase como fazer um grande vinho a partir de uvas de castas diferentes ou até da mesma casta mas com uvas criadas em regiões diferentes. Só que, no caso dos vinhos, se a combinação não resulta num ano ainda temos outro para lançar uma nova colheita. Mas, hoje em dia, um fabricante de electrónica tem poucas possibilidades de recuperar de um mau lançamento, por isso Tim e a Quad tinham que acertar desde o início.

E assim aqui o temos, sob um formato compacto e cativante, de uma cor que combina de um modo atraente o dourado, o creme e mesmo um toque de verde seco.

Pode-se mesmo dizer que a cor escolhida começa por chamar a atenção para o tom creme dos primeiros Quad, o que é um bom começo.

Como seria de esperar de um equipamento actual, as válvulas estão cobertas por uma grelha bem desenhada, que envolve inclusive o transformador de alimentação.

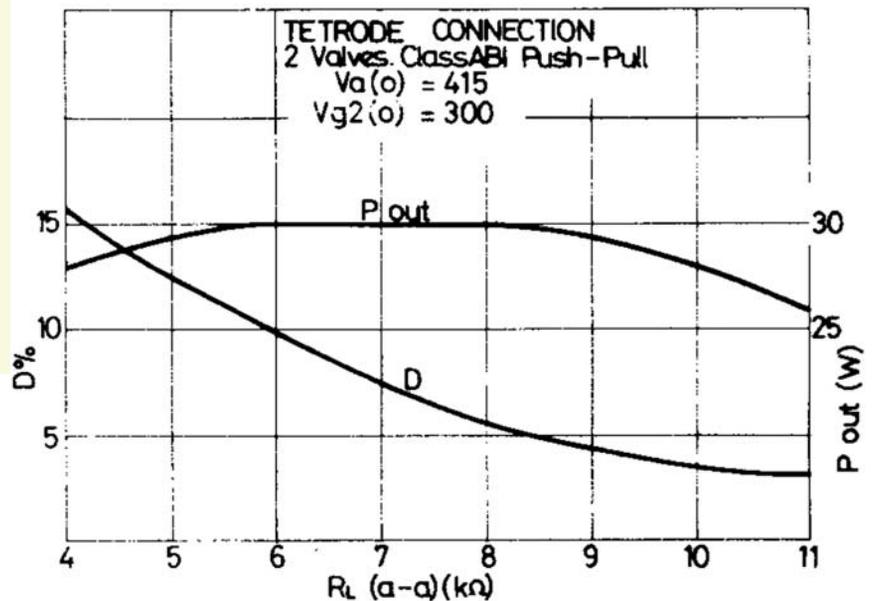
TESTE Quad II Classic Integrated



Na frente começo por destacar o comutador de entrada com um *design* algo retro e em que uma engenhosa estrutura mecânica combina um comutador rotativo com um mostrador iluminado em tons suaves e no qual um ponteiro indica a entrada seleccionada. Ao lado deste comutador, um outro já não tão vulgar como tudo isso nos tempos que correm e que permite escolher entre a monitorização do sinal enviado para gravação e um outro sinal eventualmente mais interessante de ouvir na altura. O botão de volume, de boas dimensões, liga directamente a um potenciômetro da série azul da Alps.

Nas traseiras marcam posição as fichas RCA douradas de entrada e saída para gravação e que incluem ainda algo que infelizmente já não faz parte da lista de características de demasiados equipamentos de áudio, na forma de uma entrada de *phono*, com um minúsculo comutador MM/MC. Embora na

Como se se por este grafico, é fácil retirar 30 W de um par de KT66.



Internet não conste nenhuma indicação sobre as características eléctricas desta entrada e o manual do Classic Integrated ainda não esteja disponível na Web, o manual que acompanha o amplificador indica uma sensibilidade de 2 mV RMS para MM e 200 microV para MC, especificações de excelente nível e bem melhores até que aquilo que a mesma Quad aponta para a unidade *phono* independente QC-24P, que não vai além de algo como 1,3 mV em MC e 5,2 mV para cabeças MM, o que deixa de fora muitas cabeças de qualidade com níveis de saída entre os 200 microV e os 600 microV. Junto a este módulo temos uma ligação de massa para gira-discos, com ponto de ligação física independente.

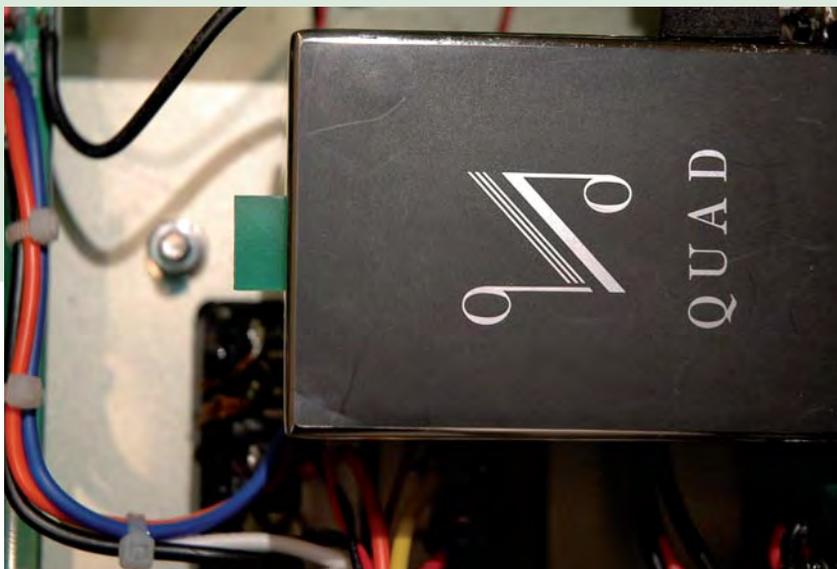
O repositório de válvulas do Quad II Classic Integrated inclui quatro KT66, quatro 6922/6DJ8, duas ECC83 e duas ECC88. As válvulas usadas têm o emblema da Quad marcado no vidro, o que pressupõe que, sendo de fabricação chinesa, são produzidas sob especificações e controlo de qualidade definidos pela marca. Na sequência da observação da estrutura interna do amplificador penso que as válvulas estarão distribuídas do seguinte modo por cada canal: as duas KT66 formam o andar de saída, em *push-pull* e que debita 25 W, sendo a ECC83 uma desfasadora/excitadora e funcionando as ECC88 como pré-amplificadoras dos sinais de entrada. Na maior parte dos casos usa-se a ECC82 como excitadora devido a ter uma maior capacidade de fornecimento de corrente, mas aqui, em face dos 25 W de saída, a ECC83 dá mais do que conta do recado, até porque a KT66 tem um ganho (transcondutância) bem razoável.



O nível de potência escolhido para a saída do amplificador mostra que Tim de Paravicini fez bem o trabalho de casa, pois um par de KT66 pode fornecer até 40 W sem grandes problemas. 30 W já seria um valor conservador, por isso estes 25 W deverão seguramente garantir uma vida longa e isenta de manutenção para este amplificador. Aliás, a própria especificação é em si mesma conservadora, pois o meu amigo Paul Miller mediu nada menos de 2 x 32 W sobre cargas de 8 Ohm.

Os transformadores de saída têm uma boa dimensão e enrolamentos bifilares para diminuir a resistência dos enrolamentos e as capacidades entre eles. A alimentação tem como principal interveniente um volumoso transformador combinado com rectificação e filtragem por meio de um

banco de condensadores electrolíticos de 220 microF/400 V. Todos os componentes electrónicos, que incluem condensadores de plástico da WIMA e resistências de 1%, estão distribuídos por quatro circuitos impressos de fibra de vidro, complementados pelo mencionado módulo *phono* MM/MC, incluído num bloco blindado que inclui igualmente o comutador de modo de funcionamento. Embora não tenha aberto este módulo, as suas dimensões implicam que os elementos activos serão do estado sólido. No global, tenho que considerar a construção deste amplificador como tendo um excelente nível de qualidade, não desmerecendo em nada os pergaminhos dos produtos lançados sob a chancela de Peter Walker. No fim de contas, Tim de Paravicini também não gosta de dormir à sombra dos louros.



Audições

As primeiras escutas deste integrado da Quad ocorreram com as Tannoy 10CT testadas pelo João Zeferino para o número anterior da *Audio & Cinema em Casa*. Os resultados foram muito convincentes, como seria de esperar, já que as colunas da Tannoy têm uma boa sensibilidade e sempre combinaram muito bem com válvulas.

Mais tarde chegaram-me às mãos as Magneplanar 1.7 e não resisti a fazer uma «maldadezinha» ao Quad Classic: foi apenas uma experiência, sem fins didácticos evidentes, mas que me agradou bastante e que consistiu, como muitos já adivinharam, em ligar estes dois equipamentos entre si – afinal, nos tempos em que esta revista começou, válvulas e colunas de painel eram

TESTE Quad II Classic Integrated



uma combinação que fazia furor em tudo o que era show de alta fidelidade. Os cabos eram os van den Hul Revolution e a fonte o leitor de CD/SACD Sony XA5400, novamente com cabos de interconexão da van den Hul pelo meio, neste caso os First.

Pois não é que, apesar de as Magneplanar ainda não estarem rodadas, a combinação produziu um som de estalo! A espacialidade era vasta em todas as direcções, a rapidez marcante, os graves bem mais potentes do que aquilo que seria de esperar em face dos 25 W de saída do Quad Classic, enfim, tinha um som bonito, agradável e bem vivo, nada daquele ritmo algo arrastado que pode ocorrer com alguns amplificadores a válvulas.

Mas claro que a combinação ideal esperava pelo Classic Integrated em minha casa – as Quad ELS63 Pro, um elemento da «família» que o antecedeu mas que, desde sempre, mostrou uma apetência muito especial pela combinação com equipamentos a válvulas. Na altura tinha como fonte digital o leitor de CD's Accuphase DP85, ligado a um condicionador de tensão de sector PS Audio 300, o qual foi ligado ao Classic por cabos Kimber Select KS1021, sendo os cabos de coluna os igualmente Kimber Select KS3035. O cabo de alimentação era um modelo de 2,5 mm² que o Nuno Melo, da Imagem Sonora, me emprestou e que tem produzido excelentes resultados em diversas situações.

Tenho que confessar/admitir que passei muitas horas verdadeiramente cativado pelo som deste Quad II Classic Integrated, nomeadamente quando combinado com as ELS63 – formam, sem dúvida, uma parilha com elevadíssimas qualidades de reprodução musical. Mas um dos aspectos mais relevantes destes momentos únicos de audição será sem dúvida o facto de as qualidades intrínsecas de ambos me terem conseguido fazer abstrair da minha inevitável função de crítico de áudio. É preciso, no entanto, enquadrar esta afirmação: não é que eu me tenha desligado das habituais capacidades de apreciação, antes pelo contrário, mas o gosto por aquilo que ouvia era tão grande que, pura e simplesmente, não me apetecia começar a tomar as habituais notas de audição –tão grande era o meu envolvimento com a música a ser reproduzida que não admitia que algo interferisse com ele ou o interrompesse.

E isto aconteceu de modo ainda mais forte quando resolvi ensaiar a entrada *phono* deste amplificador integrado. Confesso que as minhas expectativas se centravam em encontrar um nível de desempenho competente e que não desmerecesse de tudo o resto, mas também nada mais que isto. E qual não foi a minha surpresa, quase de ficar de queixo em baixo, quando ligo na entrada de gira-discos o cabo proveniente do SME V Gold, montado no Basis Gold Debut e que conduzia os sinais provenientes da cabeça MC van den Hul Colibri. Começo por dizer que temos aqui uma entrada de gira-discos que pede meças a muitos produtos conceituados independentes que existem no mercado. E posso dizer isto com toda a propriedade porque, para além de ter construído o meu próprio prévio, que tem uma belíssima entrada de gira-discos, temos testado nos tempos recentes na *Audio & Cinema em Casa* uma boa quantidade de equipamentos deste tipo. O ruído é quase inexistente, pelo menos em relação ao das entradas de linha, já que num amplificador a válvulas existe sempre uma pequena quantidade de ruído de fundo, inerente ao funcionamento normal destes dispositivos activos. Mas, mais que a sensibilidade de entrada que permite ao Quad II Classic Integrated aceitar praticamente qualquer tipo de cabeça de gira-discos, o que me colocou quase em estado de êxtase foi a fabulosa musicalidade que fez subir o envolvimento emocional alguns degraus na minha escala de valores habitual. Era muito mais que ouvir sons e, a partir deles, tentar avaliar as qualidades do equipamento em teste, era pura e simplesmente deixar correr o marfim, seguir quase com os olhos as alternâncias em termos da estrutura musical e dos intérpretes em si, enfim, a música era inescapável, e os músicos eram quase palpáveis.

Mas, continuando no entanto a não esquecer este momentos quase insuperáveis, claro que tenho que falar um pouco mais em concreto das minhas experiências. Tenho em casa um conjunto de Quad II dos originais, recuperados e com válvulas GE, sendo este um bom ponto de partida para começar o teste e descrever até que ponto a sonoridade actual da Quad tem alguma coisa a ver com aquilo que era a sua sonoridade há 50 anos. Alguns de vós seguramente conhecerão aquela frase famosa dita pelo príncipe siciliano Fabrizio de Salinas no romance «O Leopardo», //



Gattopardo em italiano, e que tem a ver com a necessidade de mudar tudo para que tudo fique na mesma. A frase original é «Se vogliamo che tutto rimanga come è, bisogna che tutto cambi», e a tradução correcta será mais ou menos a que indiquei atrás, embora já a tenha visto adaptada das mais diversas maneiras às mais diversas situações (originalmente aplicava-se à situação política na Sicília cerca de 1860) desde que Burt Lancaster a celebrou no fabuloso filme de Visconti exactamente com o mesmo título do livro.

Pois se tanta gente já a adaptou, talvez isso me dê alguma legitimidade para poder tentar fazer o mesmo neste caso: aquilo que a Quad fez foi mudar o que tinha que ser mudado em termos estético/construtivos, subir ligeiramente a potência de saída mas, mais que isso, adaptou a sonoridade aos tempos actuais. Sim, porque ouvir música, seja ao vivo seja reproduzida num sistema, não é algo imutável e constante: o nosso gosto evolui, as características sónicas dos equipamentos mudam, a resolução das fontes melhora, passámos da música analógica para a digital, que mais mudanças poderão ocorrer para garantir que tudo fique na mesma, ou seja, que o gosto por ouvir música continua vivo e presente? Portanto a Quad mudou não tudo mas algo,

para que tudo ficasse na mesma. Pronto, já fiz a minha adaptação do conceito, podemos então continuar.

Os Quad originais tinham um som romântico, dourado, lindo de ouvir, que nos encanta como o som da sereia. E o que faz o Classic em cima de tudo isso? Pois consegue combinar toda essa beleza e graciosidade com uma transparência e uma velocidade de resposta a transientes e um poder no grave com que os Quad II, no seu tempo ou mesmo hoje em dia, apenas podiam sonhar. Foi ouvir para crer, agora já usando como fonte o leitor de CD's Accuphase DP85, quando o órgão no *Oratório de Natal*, de Camille Saint-Saens, num disco da Proprius, me entrou pela sala dentro e literalmente me abanou a mim e à sala, extravasando a sua energia bem para além dos 25 W por canal especificados. Ou ainda quando no *All Star Percussion Ensemble*, um CD da Golden String que comprei em Las Vegas aqui há uns anos, quase me era possível contar individualmente os instrumentos, quer os que estavam presentes com elevados níveis de energia, quer os que apenas emitiam notas de intensidade mínima. E tudo isto tinha lugar com uma naturalidade quase inenarrável, um à-vontade que demonstrava de modo mais que evidente que estava perante um am-

TESTE Quad II Classic Integrated



plificador que tinha sido desenhado e fabricado para encantar quem o ouvisse.

O som era ritmado, dinâmico e transparente, e ouvir o disco de vinilo *La Folia* foi mais uma vez uma revelação, com as pancadas secas que aparecem no início da 2.ª faixa do lado A a terem um impacto fortemente surpreendente enquanto, ao mesmo tempo, a separação direita/esquerda era do mais evidente que é possível fazer em estéreo sem regressar aos primeiros tempos do formato com os sons pingue-pongue dos discos de demonstração. Na última faixa do lado B, em que temos o tal veículo automóvel a desaparecer, afastando-se de nós o mais possível, para regressar depois lentamente e despejar sobre nós uma cacofonia de sons de portas a bater e buzinas, tudo isto acontece através das colunas com uma naturalidade tal que tem tudo a ver com a realidade. Neste mesmo lado do disco aparecem uns sinos que não é por nada mas pareciam mesmo os sinos da igreja da aldeia, dos tempos em que os padres não montavam colunas no topo do campanário para torturar a população que necessita de descansar.

Apenas para fechar com chave de ouro, resolvi ligar o Classic Integrated a umas das colunas clássicas mais veneradas em todo o mundo – as LS3/5A na versão Raymond Cooke Special Edition, da Kef. As capacidades de reprodução destas colunas na gama média são quase lendárias e o amplificador da Quad colocou cá fora tudo aquilo que elas são capazes de fazer. Mais uma vez tenho alguma dificuldade em colocar aqui palavras que, por um lado, descrevam de modo absoluto as minhas experiências de audição e, por outro, consigam esmiuçar ao absurdo todas as características do amplificador. Mas será isso exactamente mau? Não criará em nós a música, quando reproduzida a um nível superlativo, um estado de alma que ultrapassa a necessidade de diatribes infundáveis que poderão até constituir excelentes exercícios de escrita mas que não aumentam em muito a percepção com que o leitor fica das capacidades do equipamento? Portanto, se os meus leitores me desculparem, ficar-me-ei mesmo por aqui.

Conclusão

A Quad conseguiu aquilo que muitos julgariam impossível: aliar o classicismo dos

seus apreçados equipamentos a válvulas de há 50 anos à modernidade estética e sonora do segundo decénio do século XXI. Este é um amplificador para ligar e ouvir com imenso agrado por horas e horas, aumentando a agradabilidade de audição com o aumento do número horas que se ouve. É evidente que não será perfeito (haverá quem ache que um controlo remoto seria uma complemento interessante, mas eu discordo, porque isso seria destruir uma boa parte do seu encanto), tem uma potência de saída mesmo assim relativamente limitada, gosta mais de funcionar a 8 Ohm que a 4, o que limita as colunas a que pode ser ligado, mas que importa tudo isto a partir do momento em que se ouvem os seus sons maviosos? Se gosta de música a sério tem aqui um dos melhores amplificadores que o seu dinheiro pode comprar. O preço não é propriamente dos mais acessíveis mas acreditem que levam para casa um amplificador que vale cada euro que custa.

Preço: 4.900 €

Representante: Esotérico

Telefone: 219 839 550

Web: www.esoterico.pt